

**Únicos e diferentes: autobiografias de dois historiadores brasileiros,
Nelson Werneck Sodré e Boris Fausto**

Wilton Carlos Lima da Silva

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis, São Paulo

 <https://orcid.org/0000-0002-1507-8017>

E-mail: wilton.silva@unesp.br

João Muniz Júnior

Doutor em História – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP),

Assis, São Paulo

 <https://orcid.org/0000-0003-1831-8220>

E-mail: joao.muniz-junior@unesp.br

Resumo: Na tradição historiográfica brasileira são raríssimos os textos autobiográficos, exceto por algumas entrevistas, publicadas em revistas acadêmicas, em suplementos culturais ou coletâneas específicas, além dos memoriais acadêmicos, como exigência de alguns concursos públicos. No Brasil, enquanto obras autobiográficas, entendidas como textos em primeira pessoa, de maior extensão e que cobrem dimensões públicas e privadas das vidas de historiadores, existem somente duas: Nelson Werneck Sodré (1911-1999) e Boris Fausto (1930-2023). Werneck é autor de cinco obras de memórias, *Memórias de um soldado* (1967), *Memórias de um escritor* (1970), *A luta pela cultura* (1990), *A ofensiva reacionária* (1992) e *A fúria de Calibã: memórias do golpe de 64* (1994), enquanto Fausto escreveu duas, *Negócios e ócios: história da imigração* (1997) e *Memórias de um historiador de domingo* (2010). A partir dos relatos de vida desses autores, buscamos identificar escolhas narrativas que reflitam tais distinções assim como as proximidades a partir das “virtudes epistêmicas” e da “performance” no interior de uma área de expertise, de modo tal que tais narrativas autobiográficas descrevam não só as trajetórias individuais, como também alguns meandros da vivência e da disciplina acadêmica.

Palavras-chave: Memória; Autobiografia; Historiografia; Performance; Virtudes Epistêmicas.

Unique and different: autobiographies of two brazilian historians, Nelson Werneck Sodré and Boris Fausto

Abstract: In the Brazilian historiographic tradition, autobiographical texts are very rare, except for some interviews, published in academic journals, in cultural supplements or specific collections, in addition to academic memorials, as required by some public competitions. In Brazil, as autobiographical works, understood as texts in the first person, of greater length and that cover public and private dimensions of the lives of historians, there are only two: Nelson Werneck Sodré (1911-1999) and Boris Fausto (1930-2023). Werneck is the author of five memoirs: *Memórias de um soldado* (1967), *Memórias de um escritor* (1970), *A luta pela cultura* (1990), *A ofensiva reacionária* (1992) e *A fúria de Calibã: memórias do golpe de 64* (1994); while Fausto wrote two: *Negócios e ócios: história da imigração* (1997) e *Memórias de um historiador de domingo* (2010). From the life stories of these authors, we seek to identify narrative choices that reflect such distinctions as well as the proximity of “epistemic virtues” and “performance” within an area of expertise, so that

such autobiographical narratives describe not only individual trajectories, as well as some intricacies of experience and academic discipline.

Keywords: Memory; Autobiography; Historiography; Performance; Epistemic Virtues.

Texto recebido em: 31/08/2023

Texto aprovado em: 04/12/2023

Introdução

Em sua autobiografia (*Minha vida*, 1930), Leon Trotsky conclui que sua narrativa intensa e tumultuada não é pessoal, pois o verdadeiro personagem é a história, e o indivíduo é reflexo do contexto no qual se desloca, reduzindo sua ação a um resultado das forças superestruturais. Enquanto relato, toda forma de biografia é o resultado de memórias (ou mesmo de esquecimentos) coletivas, individuais e sociais, constantemente negociadas e processadas, em que o indivíduo é entendido como representação de interesses de classe, ator estratégico, figura do *habitus* que atua como ator racional, ser histórico ou agente socializado, a partir de diferentes referenciais teóricos e metodológicos.

Dessa forma, essas narrativas mantêm relações particulares com o tempo e o espaço, relações que não são simplesmente atos de resgate, mas de reconstrução do passado a partir de referenciais atuais. Dentro desse universo, as situações nas quais narrador e personagem são a mesma pessoa caracterizam a expressão literária da autobiografia, gênero literário que se inscreve como escrita de si, *écriture de soi*, termo cunhado por Michel Foucault, e engloba manifestações que se distribuem temporalmente desde o epistolário de Sêneca às *Confissões* de Jean Jacques Rousseau, passando pelas meditações estoicas do imperador Marco Aurélio e as *Confissões* de Santo Agostinho, mantendo suas características de discurso construído na primeira pessoa, com ponto de vista totalizador e retrospectivo, no qual alguns eventos significam erro lamentável ou feliz conversão. Nessa tradição, muitas vezes, a escrita funcionaria como um dispositivo de confissão, substituindo o olhar do outro como uma força disciplinadora de nossas ações e pensamentos assim como a exercida em uma comunidade pelo olhar do outro. Nas situações de solidão, a escrita seria um possível olhar capaz de constranger, revelador dos movimentos interiores da alma.

Na tradição historiográfica brasileira são raríssimos os textos autobiográficos, exceto por algumas entrevistas, publicadas em revistas acadêmicas, em suplementos culturais ou coletâneas específicas, além dos memoriais acadêmicos, como exigência de alguns concursos públicos. No Brasil, enquanto obras autobiográficas, entendidas como textos em primeira pessoa, de maior extensão e que cobrem dimensões públicas e privadas das vidas de historiadores, existem somente duas: Nelson Werneck Sodré (1911-1999) e Boris Fausto (1930-). Werneck é autor de cinco obras de memórias, *Memórias de um soldado* (1967), *Memórias de um escritor* (1970), *A luta pela cultura* (1990), *A ofensiva reacionária* (1992) e *A fúria de Calibã: memórias do golpe de 64* (1994), enquanto Fausto escreveu duas, *Negócios e ócios: história da imigração* (1997) e *Memórias de um historiador de domingo* (2010).

A reduzida produção de autobiografias entre historiadores do Brasil relaciona-se à três fatores internos da produção acadêmica local: 1) em geral identifica tal prática como simples ato de vaidade; 2) afirma referenciais acadêmicos que ambicionam certa objetividade do conhecimento historiográfico e que contrastariam com narrativas sobre o subjetivo, o íntimo, o impróprio ou o estigmatizado; e, finalmente, 3) a consolidação de outros espaços e práticas de conservação da memória grupal. Por outro lado, em termos externos, há ainda uma tímida projeção social deste grupo intelectual e, conseqüentemente, reduzido interesse mercadológico em volumes de memórias de seus membros.

Os dois historiadores aqui escolhidos situam-se em dois momentos distintos do desenvolvimento da historiografia brasileira, influenciados por duas tradições, pois enquanto Werneck, oriundo do exército e atuando como jornalista, com uma trajetória fora da universidade desenvolveu uma vasta obra de matriz marxista, Fausto, com formação em Direito e História foi membro do departamento de História da mais importante universidade do país, transitou entre a história política e a história social, em uma perspectiva mais próxima dos *Annales*.

A partir de seus relatos de vida buscamos identificar escolhas narrativas que reflitam tais distinções assim como as proximidades a partir das “virtudes epistêmicas” e da “performance” no interior de uma área de expertise, de modo tal que tais narrativas autobiográficas descrevam não só as trajetórias individuais, como também alguns meandros da vivência e da disciplina acadêmica. Os relatos de Boris Fausto e de Nelson Werneck Sodré¹ permitem observar o trânsito narrativo

dos dois historiadores por estruturas objetivas e por vivências subjetivas, a apreensão do tempo e a aproximação entre a observação e a reflexão.

Virtudes epistêmicas e performance

Os conceitos de virtudes epistêmicas e performance oferecem uma chave para análise da escrita de si tanto de Nelson Werneck Sodré quanto de Boris Fausto.² Apesar de os dois historiadores terem atuado em momentos distintos da historiografia brasileira, consideramos importante um exame que leve em consideração como os modos disciplinadores de ser historiador no Brasil em seus respectivos períodos e meios de atuação se refletem de forma performática em suas escritas autobiográficas.³ Essa proposta vem ao encontro das recentes apreciações feitas por João Ohara, a partir dos trabalhos de Herman Paul, sobre as virtudes epistêmicas que caracterizam e definem a *persona* acadêmica (*scholarly persona*) dos praticantes do ofício (ver Ohara, 2017).

Ao longo do texto buscaremos refletir sobre como as virtudes epistêmicas apesar de norteadoras da vida profissional dos autobiógrafos aqui analisados foi flexibilizada pela postura performática necessária para se escrever sobre si mesmo. As proposições de Ohara (2017, p. 30) vêm ao encontro dessa reflexão pois ele trabalha com dois conceitos: *scholarly self* e *self-fashioning*.

O conceito de *scholarly self* se refere “à dissonância entre (1) os repertórios abstratos de características e valores considerados necessários para que alguém seja considerado historiador e (2) as performances individuais daqueles que se reconhecem enquanto historiadores” (Ohara, 2017, p. 30). Trata-se, portanto, de uma combinação daquilo que se espera que o indivíduo realize segundo moldes pré-determinados e as suas experiências pessoais aliadas às suas próprias adaptações a esses modelos, o que configura uma subjetivação desse indivíduo.

A dissonância a que se refere Ohara (2017) ocorre tanto Boris Fausto quanto Nelson Werneck Sodré, uma vez que eles procuraram desenvolver as habilidades inspiradas nas virtudes epistêmicas que os identificavam como historiadores e também desenvolveram performances individuais na medida que se lançaram à empreitada de narrarem suas vidas, o que fugia da normalidade de uma profissão regrada pelo zelo ao objetivo.

Esse desvio do padrão de um grupo pode ser analisado à luz da noção de *self-fashioning*, que possibilita entender “as tensões entre aquilo que se faz de nós e aquilo que fazemos de nós mesmos.” (Ohara, 2017, p. 30) Por um lado, haveria, com certeza, um conjunto de virtudes epistêmicas (“aquilo que se faz de nós”) disciplinadoras da ação historiográfica de Nelson Werneck Sodré e de Boris Fausto; por outro, esses autores fizeram escolhas próprias (“aquilo que fazemos de nós mesmos”), portanto, um comportamento com determinados valores éticos que guiarão seus caminhos.

Nesse sentido, a todo momento podemos detectar a tensão entre *scholarly self* e *self-fashioning* na escrita autobiográfica desses autores na medida em que as virtudes epistêmicas (*scholarly self*) regram essas narrativas mesmo que a opção de contar a própria trajetória em primeira pessoa (*self-fashioning*) esteja eivada de performance.

Quando nos referimos às virtudes epistêmicas estamos diante do problema sobre a definição do que é ser historiador. Essa definição depende de um conjunto bastante complexo e variado de fatores que podem se referir tanto à fabricação de algo, seguindo aquela linha de raciocínio apresentada por Michel de Certeau (1982) ao se perguntar o que fabrica o historiador quando faz história, quanto aos processos de legitimação que frequentemente são assumidos pela comunidade acadêmica. Pode-se somar a esses dois fatores, como o faz Ohara (2017), a ideia de que tal definição é igualmente dependente de um processo de construção subjetiva que implica na prática de algumas virtudes epistêmicas, morais e sociais.

O nosso objetivo aqui é refletir sobre a confluência do conjunto dessas virtudes epistêmicas, pensadas como técnica de elaboração de uma *persona* acadêmica (e social), com a dimensão performativa construída na escrita autobiográfica desses dois historiadores.⁴ Tanto Werneck quanto Fausto se encontravam sob determinados regimes de virtudes epistêmicas, que disciplinam o trabalho historiográfico, mas no processo de construção de seus modelos de *persona* acadêmica e na escrita de suas autobiografias executaram um jogo de tensão e flexibilização dos limites de tais virtudes epistêmicas.

Esse jogo de tensão e flexibilização ocorre em razão de uma dupla demanda inerente à escrita autobiográfica que, devido à sua constituição como um gênero híbrido, misto de história e de literatura, faz com os autores adotem nas narrativas de suas vidas, ao mesmo tempo, um comportamento virtuoso, exigido pela

disciplina histórica, e uma postura performática, característica comum nas escritas de si. O uso da performance traduz uma necessidade comunicacional, uma vez que esses historiadores, tangidos pelas virtudes epistêmicas do seu *métier*, ao se envolverem com elaboração de suas autobiografias precisaram ir além dessas virtudes a fim de darem conta de um gênero de escrita híbrido e performático.

Nas autobiografias aqui analisadas, a performance se estrutura pelo exercício criativo da competência, ou seja, os recursos performáticos, como a capacidade de interação, de atuação, encenação ao se aliarem com as virtudes epistêmicas oferecem aos autobiógrafos os meios necessários a fim de construir suas narrativas (Bauman, 2014). Essas virtudes epistêmicas, são acompanhadas de virtudes morais, éticas, sociais, que em conjunto funcionam como mecanismos de persuasão disciplinar, horizontes de expectativas ou até mesmo como rotas marginais na composição das escritas de si. Fazemos referência a rotas alternativas uma vez que a empreitada autobiográfica em meio aos historiadores brasileiros foi sempre encarada com desconfiança pelo caráter subjetivo e literário de sua composição.

No caso da autobiografia, a performance está atrelada ao exercício narrativo de um *eu* que parte do presente em que escreve e usa um narrador para acessar o passado sobre esse mesmo *eu*. Todavia, a passagem do tempo faz com que haja a impossibilidade de concomitância entre esse *eu* do presente com o *si mesmo* do passado. Isso vai ao encontro da premissa de Ricoeur (1991) do “si mesmo como um outro”. A impossibilidade de acesso a si mesmo no passado da maneira como foi exigido do autobiógrafo a capacidade de performatizar, ou seja, utilizar algumas máscaras a fim de construir um amálgama entre a *mesmidade (idem)* e a *ipseidade (ipse)* da identidade narrativa.⁵ É o desejo de quem quer contar sobre si e parte em busca de identidade (Arfuch, 2010).

Nesse sentido,

O *eu* não passa afinal de [uma] máscara, verdadeira persona, que não permite aos outros que nos vejam, mas que curiosamente, não nos permite ter uma visão perfeita. Escondendo a nossa multiplicidade, funciona como um duplo. O *eu* e o *outro* vivendo e passando neste mundo, com suas margens, na postura ambígua de quem resguarda o seu íntimo (Gameiro, 2005, p. 23).

Esse jogo de máscaras ocorre tanto em Sodré quanto em Fausto, já que ambos ao construir suas narrativas de si performatizam no jogo duplo da não

realização de amplas incursões em suas vidas íntimas ou privadas, e, portanto, se valem das máscaras de homens públicos, historiadores, jornalistas, escritores, ou seja, revelam-se escondendo-se. Cotidianamente, em diferentes lugares e ocasiões, frente à distintas audiências, as pessoas assumem posturas e narrativas que dotadas de significado e coerência reafirmam identidades, constituindo sujeitos performativos (com dimensão autobiográfica).⁶

Ao lançarem mão da performance, esses autores invocam “o enquadramento (*frame*) da performance, adota[m] uma determinada postura reflexiva, ou alinhamento, para seu ato de expressar-se, assumindo responsabilidade por uma exposição de habilidade e eficácia comunicativas.” (Bauman, 2014, p. 733). Nesse sentido, submetem-se à avaliação pública, principalmente de seus pares. Isso talvez explique a valoração das virtudes epistêmicas da área de atuação por parte desses historiadores autobiógrafos. Aventuram-se nas narrativas de suas vidas, mas permanecem zelosos dos parâmetros que os fazem serem reconhecidos como historiadores por seus pares.

Nesse sentido, a virtude epistêmica seria o que um historiador possui ou cultiva e que o faz ser reconhecido como tal. No Brasil, somente a partir de meados do século XX se cristaliza o conceito de historiografia e o processo de institucionalização da história no âmbito universitário (Pereira *et al.*, 2015). E quem está fora do ecossistema acadêmico? Deve se curvar às regras e aos procedimentos a fim de ser aceito pela comunidade que coordena a criação e validação dos processos (Ohara, 2017). Michel de Certeau contribui a fim de se identificar as exigências apresentadas para se ser considerado historiador ao propor o conceito de operação historiográfica baseado em um tripé responsável pela combinação de um *lugar social*, de *práticas “científicas”* e de uma *escrita*.⁷

O conceito de virtudes epistêmicas favorece um olhar que, de forma mais abrangente, contemple a produção historiográfica dentro e fora dos muros universitários, pois “permite mapear os valores considerados desejáveis por certo grupo para que um indivíduo possa falar sobre o passado de maneira legítima.” (Ohara, 2017, p. 23)

Esse olhar mais panorâmico pode ser direcionado a Nelson Werneck Sodré, que foi um historiador autodidata, nunca frequentou o ambiente acadêmico, produziu cerca de cinquenta livros com uma temática variada, mas sempre preocupado com a questão da formação histórica brasileira e suas expressões

culturais, ademais, assinou cerca de três mil artigos para jornais e revistas. Além de historiador, foi jornalista, escritor, crítico literário e editor.⁸ Apesar de não ter feito parte da comunidade de historiadores profissionais, ele foi considerado como um dos tais em função da sua produção historiográfica e por apresentar as virtudes epistêmicas que o qualificavam como um historiador.

Esse reconhecimento pode ser identificado a partir do seu comportamento virtuoso valorizado por seus pares como é o caso de Oliveira Viana⁹ que em carta sobre o livro *Panorama sobre o Segundo Império*¹⁰ destaca traços do texto como generalidade, amplitude, perspectiva, um “ensaio [em que] há uma intuição das relações causais”, sinceridade de conteúdo, honestidade dos juízos, manifestações de talento e de cultura, “nobre elegância no andamento da frase” (Sodré, 1970, p. 206).

Em outra carta, dessa vez de Peregrino Junior¹¹ elogiando o mesmo livro, temos as seguintes virtudes epistêmicas evidenciadas: lucidez, ampla documentação, inteligência. O crítico Plínio Barreto¹² em apreciação ao livro veicula no jornal *O Estado de São Paulo* um texto em que valoriza o poder de síntese, o vigor da obra, a leitura agradável que o livro promove. Brito Broca¹³ em *A Gazeta* destaca também o poder de síntese da obra, além da seriedade, profundidade, aversão ao anedotário, visão de conjunto, coragem, inteligência e imparcialidade. Azevedo de Amaral¹⁴ em *Novas diretrizes* segue os demais elogiando a seriedade, visão panorâmica, lucidez. Podemos citar ainda a crítica de Lívio Xavier¹⁵ no jornal *Diário de São Paulo* que considera o autor como alguém que estaria iniciando seu caminho nos “estudos históricos” (Sodré, 1970, p. 215-217).

Nas palavras chave pinçadas da carta de Oliveira Viana, assim como da de Peregrino Junior e das críticas dos outros autores supracitados é possível entender que Werneck aos olhos de seus pares possuía as virtudes epistêmicas valorizadas em um historiador no período. Ao lado de virtudes técnicas tais como análise das relações causais por detrás dos fatos, poder de síntese, a ampla documentação reunida, encadeamento entre fatos, causas e consequências, estudo de conjunto e elegância do texto são destacadas as virtudes morais: honestidade nas avaliações, seriedade, sinceridade, coragem, inteligência, imparcialidade.

Tanto Miguel (2013) quanto Ohara (2017) se valem dos estudos de Zagzebski (1996) a fim de concluírem que os atos de virtude epistêmica são indissociáveis dos atos de virtude moral. Inclusive, Miguel (2013, p. 7) aponta: “Do mesmo modo que

um ato de virtude moral se caracteriza por ser um ato motivado por virtudes, por ser o que uma pessoa virtuosa faria e pelo bem almejado ser obtido, um ato de virtude intelectual é justificado epistemicamente se for motivado por virtudes”. Assim, as virtudes epistêmicas e morais presentes em Nelson Werneck permitiam identificar esse autobiógrafo como um historiador, embora não tenha feito parte do conjunto de profissionais da história inseridos no mundo acadêmico.

As virtudes epistêmicas no caso de Boris Fausto são legitimadas por sua formação acadêmica e pelo lugar social que ele ocupa: professor aposentado do Departamento de História da maior universidade do país.¹⁶ Oliveira (2016) em um trabalho de análise da produção historiográfica de Boris Fausto chama a atenção para o fato dele possuir formação em Direito, com uma carreira promissora na Procuradoria do Estado e nunca ter expressado o desejo de lecionar para o Ensino Secundário e em raras ocasiões ter manifestado o interesse em dar aula no Ensino Superior. Dito isso, qual razão para que Fausto se dedicasse por seis anos em um curso de Bacharelado e Licenciatura em História e ter defendido teses de Doutorado e Livre-docência na área, sendo que poderia ter desenvolvido uma produção historiográfica às margens da academia como o fizeram tantos outros contemporâneos seus?¹⁷ A explicação seria que

toda essa dedicação de Boris Fausto em especializar-se na área de História esteve diretamente relacionada ao seu empenho em adentrar e se legitimar no interior do campo de produção historiográfica. Afinal, desde o início do processo de institucionalização do curso de História, crescia nesse campo a valorização do trabalho histórico realizado por sujeitos especializados na área. (Oliveira, 2016, p. 68).

Sendo assim, em um polo temos Nelson Werneck Sodré que produziu obras de cunho historiográfico e foi reconhecido como um historiador justamente por ter apresentado as virtudes epistêmicas valorizadas por seus pares legitimadores. No polo oposto temos Boris Fausto cuja trajetória como advogado e historiador caminharam lado a lado, mas cuja dedicação à carreira de historiador se baseou na legitimação concedida pelo lugar social do campus universitário no qual se formou e lecionou.

A maneira como cada um construiu suas respectivas carreiras no campo histórico se difere, não somente em matéria de legitimação como também de escolhas teórico-metodológicas, que não vem ao caso, mas que podemos citar: Werneck um historiador marxista, Fausto muito mais próximo dos *Annales*. O

curioso é que ambos possuem em comum o fato de terem assinado obras de cunho autobiográfico. Como dito anteriormente, são as duas únicas exceções entre historiadores brasileiros que se lançaram ao desafio de escrever sobre suas próprias trajetórias.

Apesar de terem transitado em universos historiográficos distintos, os dois autores se viram diante de virtudes epistêmicas em parte semelhantes que disciplinaram suas maneiras de escrever sobre o passado. Na escrita das autobiografias, tanto para Werneck quanto para Fausto, eram caras as noções como documento, ater-se aos fatos, evitar ao máximo o aspecto ficcional da escrita, a subjetivação. Além de ser palpável certa timidez e recusa em descortinar nas páginas que narram as suas vidas as vivências familiares e o âmbito privado.

Em passagem de *Negócios e ócios*, Fausto anuncia na introdução que “a narrativa procura cingir-se ao modelo da história, pelo menos da história como eu a entendo, e isso significa evitar a ficção” (Fausto, 1997, p. 8). Por sua vez, Werneck exalta ser indispensável situar historicamente a sua trajetória individual: “dar os traços da época, caracterizar a fase, a situação, a gigantesca moldura do quadro mundial e a moldura menor do quadro brasileiro”, uma vez que sem essa “caracterização, o depoimento perde consistência”. Inclusive, o autor critica a ausência, em geral, “nas autobiografias e nas biografias, como nos depoimentos e memórias” dessa preocupação com o enquadramento histórico (Sodré, 1970, p. 14).

Como mencionado anteriormente, por razões de espaço nos dedicaremos a analisar aspectos da obra *Memórias de um escritor* (1970) de autoria de Nelson Werneck Sodré e ainda, *Negócios e ócios: história da imigração* (1997) e *Memórias de um historiador de domingo* (2010), cujo autor é Boris Fausto. O livro de Sodré foi escrito em 1969 e lançado no ano seguinte pela prestigiosa editora Civilização Brasileira.¹⁸ A obra possuiu 377 páginas subdivididas em 5 capítulos temáticos: “Iniciação”; “Crítica literária”; “Defesa da cultura”; “Guerra”; e “Balanço”. Nesses capítulos o memorialista procura retratar o seu tempo a partir do enfoque do seu envolvimento direto ou indireto com os acontecimentos. O ponto de partida da narrativa varia do macro para o micro e vice-versa, mas nunca se perde de vista que o objetivo é sempre reconstituir a vida literária, as disputas entre intelectuais e seus grupos, as dificuldades impostas ao trabalho de escritor, aos empreendimentos editoriais e literários, as preocupações com o baixo nível de desenvolvimento cultural no país, enfim, a obra apresenta os papéis de escritor,

crítico literário e historiador do autor, em meio a suas andanças entre essas áreas, exercendo concomitantemente essas atividades.

Em *Negócios e ócios: história da imigração* (1997), Boris Fausto faz uma descrição das origens judaicas de seus antepassados, do processo de imigração destes para São Paulo, dos negócios da família e de sua infância e adolescência. O livro, de 230 páginas, é estruturado com uma introdução e sete capítulos, intitulados: “Turquia e Sefarad”, “Da Europa central a América”, “Imigrantes em São Paulo”, “Bairros paulistanos e o Triângulo”, “Tempos angelicais?”, “Colegio Mackenzie” e “Final da história”, além de contar com 27 imagens, fotos do arquivo familiar.

Na obra *Memórias de um historiador de domingo* (2010), o personagem e a forma da narrativa se mantêm com ênfase na trajetória pessoal a partir da entrada na Faculdade de Direito de São Paulo, passando pelo trabalho como advogado, pela militância trotskista e pela vida acadêmica de historiador, embora se perceba, até pelo título dos capítulos, a adoção de uma perspectiva mais “informal”. O livro, de 287 páginas, apresenta uma introdução e 15 capítulos, intitulados: “A sombra das Arcadas”; “A política intra e extramuros”; “Futebol e cinema: um mundo masculino”; “Advogado, meio a contragosto”; “O fascínio da União Soviética e a micro militância”; “O camarada Crispim: entrismo e saidismo”; “Um balanço da micro militância”; “Na pátria do proletariado”; “Cynira e sua história”; “Ubatuba não há mais”; “Os últimos anos de meu pai”; “Tempos de repressão”; “Historiador de domingo”; “A Republica de Ibiúna: notas sobre uma geração”; “Um tango argentino”. Além disso, oferece 22 fotos.

A guinada temática do autor é percebida pela introdução do tema da imigração e da memória de uma trajetória que se consolidou com abordagens sobre revolução, trabalho, industrialização e criminalidade. A inovação na forma se dá pela abordagem da história familiar e pessoal, e pela narrativa em primeira pessoa que apresenta “painéis contextuais superpostos”, e a nova metodologia se desdobra no uso não só de fontes tradicionais, mas também da memória pessoal e familiar.

As escritas de si desses autores chamam a atenção, pois no caso dos historiadores o falar de si parece desafiar os referenciais acadêmicos clássicos, ciosos da objetividade narrativa, que estabelecem de forma clara os limites além dos quais se localizam o subjetivo, o impróprio, o inconfessável e o estigmatizado.

Fausto (1997) afirma seu compromisso com o factual ao esclarecer que evitará o ficcional, embora reconheça as limitações das fontes disponíveis por se tratar de uma família de classe média cuja memória se conserva através de algumas fotos, cartas esparsas e pela tradição oral:

Disso resulta que não pude preencher muitas lacunas de fatos apenas aflorados, de datas, de vivências. Preferi descartar a ficção, não porque o recurso não me atraia, mas por me parecer que, no caso, levaria a um produto híbrido, algo enganoso. Nessa linha, achei melhor especular algumas vezes sobre idades de personagens e manter o caráter fragmentário de alguns relatos. Essa opção e, em si mesma, indicativa do quanto se perde e de quanto se recria na passagem de uma geração para outra e, ainda mais, na longa duração das gerações. (Fausto, 1997, p. 8)

A recriação tem seu espaço pela inevitável base memorialística do projeto, que, mesmo inconscientemente, incorpora certo grau de invenção do passado ou a sua tradução a partir de perspectivas do presente (Fausto, 1997, p. 8-9). O historiador-autor tem clareza de que a narrativa autobiográfica tem ligação tanto com a história quanto com a ficção, pois os processos do recordar, na constituição da memória, implicam uma teoria ficcional. Aqui, ficção no sentido etimológico de *fictio*, criação, e não de falseamento: a autobiografia se estrutura como um relato construído a partir de uma relação pessoal percebida como autêntica e não ficcional, que se projeta no campo do conhecimento histórico pela busca do saber e da compreensão, no campo da ação pelo compartilhar de uma experiência, e no campo da arte por se tratar de uma narrativa literária.

Nelson Werneck toca na questão da ficcionalização em suas memórias, mas o faz de maneira transversal, numa espécie de psicologia reversa: o autor realiza várias menções ao uso que faz de seu arquivo pessoal na composição de sua autobiografia. Foi a maneira que o autor encontrou de passar a ideia de que sua narrativa se ancora em fontes, sem espaço para a ficção. De certa forma, paira sobre o escritor a disciplinarização constante das virtudes epistêmicas fazendo-o lembrar-se dos compromissos com determinado regime de verdade. Confessa que guardava consigo a “velha norma de não rasgar papeis” (Sodré, 1970, p. 205), o que indica a preocupação com uma manutenção de vestígios do passado, indicativo de um horizonte de expectativas de escrita de uma autobiografia ou a fim de fornecer subsídios arquivísticos àqueles que porventura manifestassem interesse de narrar a sua trajetória pessoal.

O constante relacionamento de documentos arquivados, trechos de cartas, de matérias jornalísticas, supõem um autor ciente da faceta criadora presente na confecção de narrativas de si, mas que a todo custo deseja demonstrar que o máximo possível dessa narrativa está amparado pelas fontes. De tal modo, o intuito de evidenciar o uso de documentos seria com o objetivo de reforçar o trabalho efetuado pela memória conferindo assim, maior legitimidade ao narrado.

Podemos citar um longo trecho em que o memorialista fala sobre suas relações com seus arquivos pessoais:

Por longos anos escrevendo à máquina obedeci ao hábito salutar de guardar cópia de minhas cartas, da correspondência expedida, como guardava a correspondência recebida. Contingências da vida, porém, (...) obrigaram-me a destruir pacotes em que, cuidadosamente em ordem, estavam arquivadas aquelas cópias. É por isso que estou escrevendo essas memórias à base da correspondência recebida e de documentos outros, como recortes de jornal. Assim, os episódios vistos, de um lado, na perspectiva da época em que ocorreram, e, de outro lado, na perspectiva dos dias atuais (Sodré, 1970, p. 285).

A passagem serve para refletir sobre como os elementos da virtude epistêmica relacionadas à atuação como historiador, nesse caso, o zelo pelo arquivo e sua valorização como porta de acesso ao passado, se fundem à performance. Pois o memorialista se vê em meio ao dilema de ter em mãos uma documentação que lhe oferece bases empíricas para escrever sobre o seu passado. Entretanto, percebe ser necessário realizar um esforço performático a fim de dar conta das lacunas documentais e assim se posicionar no palco da narrativa com as máscaras de um *eu* do presente que se aventura sobre um *eu* que já não existe mais. O esforço do narrador em usar os vestígios que ainda restaram do passado para recuperar “na perspectiva dos dias atuais” os episódios pretéritos evidenciam o comportamento performático, pois o passado não pode ser reconstituído tal como foi e o “si mesmo” sofreu alterações e é com as experiências do presente que será formatado.

Nesse sentido, a narrativa de si de Sodré mostra-se performática, pois, assim como na performance, o personagem cuja vida é contada passa a ser sujeito e objeto de sua obra. Ele também está em formação enquanto narra, sendo autor de si (Cohen, 2002, p. 39). Essa construção de si mesmo por meio da narrativa vai ao encontro do pensamento de Barthes no tocante ao eterno trabalho de elaboração de si na trama do texto:

Texto quer dizer tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu acabado, por detrás do qual se conserva, mais ou menos escondido, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia generativa de que o texto faz, se trabalha, através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura –, o sujeito desfaz-se como uma aranha que se dissolvesse a si própria nas secreções construtivas da sua teia (Barthes, 2001, p. 112).

O cruzamento das virtudes epistêmicas com a necessidade de performance ocorre em Boris Fausto quando este, na condição de autor-narrador, historiador que, por ofício, é acostumado a estudar a diversidade de dimensões que compõem a vida individual e coletiva, opta por um recorte formalístico de sua trajetória com ênfase na sua dimensão intelectual, mas que explicita, pelo silêncio, a incapacidade ou recusa de expor sua vida privada, sua afetividade e algumas relações que são cuidadosamente protegidas. O mesmo se aplica a Werneck Sodré, que se esforça em deixar claro que sua preocupação é com sua figura pública. Nos raros momentos em que narra circunstâncias familiares é com o objetivo de usar a passagem como trampolim para mergulhar na esfera pública das suas vivências.

Nos dois casos temos, de um lado, historiadores preocupados com seu lugar de fala legitimado por determinadas virtudes, como a capacidade analítica racional, distanciada das subjetivações, de outro, autores performistas que se veem diante da necessidade de contarem sobre suas vidas em um recuo impossível a um passado tal como foi e a um si mesmo linear, homogêneo. Mas esse recuo contempla as atividades profissionais e, portanto, marginalizam aspectos subjetivos, íntimos. Trata-se assim de performance, pois o uso das máscaras entrega esse comportamento.

No entanto, é inegável que tal iniciativa, em ambos os autores, é indissociável da questão da autoria como instância de legitimação. Como já assinalou Bourdieu (1996, p. 78), a forma de singularização do indivíduo a partir de um nome próprio, pessoal e privado, mostra-se como uma distinção do sujeito social, na qual a contratualidade do registro civil agrega “uma identidade social constituinte e duradoura que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis nos quais ele intervém como agente, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis”. Nesse tipo de escrita autobiográfica, o nome próprio mostra-se um designador rígido: e a forma por excelência da imposição arbitrária feita pelos ritos institucionais, na qual a nomeação e a classificação introduzem divisões nítidas, absolutas, indiferenciadas nas particularidades circunstanciais e nos acidentes

individuais, no fluxo e na fluidez das realidades biológicas e sociais (Bourdieu, 1996, p. 79).

Se o nome próprio é, para o cidadão, a expressão de sua identidade, em relação ao mundo acadêmico esse nome também se projeta como guardião de uma obra, que construída social e historicamente mostra-se como reflexo de realizações, vínculos, simpatias, antipatias, apreciações e indiferenças em um espaço relacional bastante delimitado. O discurso autobiográfico, no qual a identidade do autor-narrador-personagem coloca-se em posição de centralidade, mediado pelas exigências do auditório a quem se dirige, estabelece, já em sua enunciação, uma relação de paratextos na qual o emissor legitima a obra pelo *status* que lhe é atribuído.

A busca por legitimação com base no respeito pelas virtudes epistêmicas leva Nelson Werneck Sodré a enfatizar a sua participação em bancas julgadoras de concursos literários em razão do prestígio conquistado com sua atuação como crítico. Todavia, o autor faz questão de citar os nomes das figuras com as quais se relacionava nesses círculos restritos: Sérgio Buarque de Holanda, Afonso Arinos de Melo Franco, Rubens Barba de Moraes, todos eles com vivência nos meios jornalísticos e reconhecidos historiadores. Ser aceito em grupos como esse é um indicativo não só do reconhecimento do peso da contribuição de crítico literário de Werneck como ainda de sua produção historiográfica, uma vez que em muitos desses concursos eram obras do campo da história e do ensaísmo histórico julgadas por historiadores (Sodré, 1970, p. 270).

A fim de reforçar essa aceitação por seus pares, Werneck narra uma ocasião em que pede a Sérgio Buarque de Holanda e a Octávio Tarquínio de Souza que lessem os originais de *Formação da sociedade brasileira*¹⁹, sendo que “ambos me atenderam e me honraram com observações muito úteis e me cederam tempo para discutirmos teses que o livro levantava, os pontos controversos” (Sodré, 1970, p. 309).

É curioso que Nelson Werneck recupera um artigo de crítica literária que escrevera sobre um livro de Azevedo Amaral em 1938 e em alguns trechos o narrador afirma que à época abordara o livro em questão apesar do critério auto imposto de não escrever sobre obras que versassem sobre a política nacional nos dez últimos anos a contar do seu presente. Note que essa restrição colocada sobre si mesmo não impediu o crítico de escrever sobre a obra aparecida naquele ano de

1938 e que fazia apologia ao regime ditatorial de Vargas. No artigo mencionado, a razão dada pelo autor para não se debruçar sobre fatos recentes não seria por receio das personagens que viessem a ser avaliadas e nem por “obediência à convenção que exige a ‘perspectiva do tempo’ para ver melhor as coisas”, mas sim porque nem sempre lhe era dado espaço para criticar o que considerava errado ou falso (Sodré, 1970, p. 159).

Todavia, o próprio autor reconhece que por ocasião do regime ditatorial de Getúlio Vargas seu comportamento foi omissivo em razão de sua alienação, mas que não pretende com essa afirmação “justificar *a posteriori*” a ingenuidade do seu comportamento neutro perante tal governo. Na mesma passagem o narrador filosofa que “As pessoas são como são e têm história, não são as mesmas a vida toda, mudam, evoluem” (Sodré, 1970, p. 124).

Nesse ponto a obra parece se transformar, para o autor, em uma possibilidade de redenção. As páginas mostram um escritor que mudou sua visão de mundo, que o jovem da década de 1930 havia evoluído para o homem maduro dos anos 1970, ou seja, muita coisa havia mudado, que mergulhara na militância política em defesa da cultura, dos princípios democráticos, da liberdade de pensamento e de expressão.

Os livros de memórias Nelson Werneck Sodré dialogam entre si, com temas comuns entre os volumes publicados. Nessas memórias determinados aspectos da vida intelectual, profissional do autor são mais abordados do que outros. Todavia, alguns temas permeiam todos os livros de memórias dele. Como é o caso da vida cultural, as dificuldades e perseguições que intelectuais, escritores, jornalistas e demais envolvidos com a prática cultural no Brasil sofreram com os regimes políticos de exceção como os de Vargas e o dos Militares.

Já mencionamos que *Memórias de um escritor* foi escrita em 1969 e lançada em 1970, um dos momentos mais tensos da Ditadura Civil-Militar que nesse período impunha dura repressão aos grupos da esquerda armada no país. O escritor, de maneira criativa por meio do narrador, a todo momento estabelece veladas comparações entre o Estado Novo de Vargas e o Governo dos Civil-Militar instaurado em 1964 no tocante às perseguições. Nesse diapasão, memorialista demonstra que no presente ditatorial em que vivia e escrevia suas memórias o comportamento omissivo do passado não encontraria guarida e essa obra seria sua maneira de criticar o Regime Civil-Militar, os seus desmandos e arbítrios, o

sufocamento das liberdades e dos direitos democráticos. Esse exercício crítico seria uma mola propulsora dessa obra assinada por Werneck Sodré.

No caso de Boris Fausto, um importante motivador para escrever *Memórias de um historiador de domingo* (2010), seria o desejo de contar a memória familiar e usar esse terreno como ponte de acesso ao macro. O autor reconhece a continuidade do projeto autobiográfico iniciado na obra anterior, embora ressalte que certos temas tenham sido abandonados, como a história dos judeus sefardis, a dimensão familiar e os períodos de infância e adolescência. Se na introdução do primeiro livro Fausto imputava a busca da fixação pela escrita da memória familiar ao “impulso de um membro de um grupo e tem por objetivo fixar lembranças comuns, em que avulta a presença dos ascendentes”, e eventos como o nascimento ou a morte prematura de um membro do grupo ou mudanças de residência ou de situação social são mais significativos do que os chamados grandes acontecimentos (Fausto, 1997, p.7), como a relação micro e macro e dimensionada a partir do referencial individual e da trajetória profissional e intelectual do autor? Fausto aponta a paralaxe como o grande desafio na abordagem desse período:

Terminei o primeiro livro no momento em que entrei na Faculdade de Direito, aos 19 anos, e na ocasião justifiquei esse corte prematuro com o fato de que a história, ao chegar aquele ponto, começava a se aproximar do presente. E o presente para um historiador – assim eu encerrava – por mais que se diga o contrário, e sempre um terreno pantanoso (Fausto, 2010, p. 9-10).

162

Entrar nesse terreno pantanoso e arriscado, mas justifica-se, segundo o autor:

Nele resolvo entrar agora, transcorridos vários anos, esperando não me afogar em um lamaçal, mas recordar momentos de vida que possam ultrapassar o limite dos sentimentos pessoais, situados na esfera privada, e retratar algo que combine o universo privado e o público, com um fragmento significativo de ‘tempos idos e vividos’ (Fausto, 2010, p. 10).

Ele ressalta a subjetividade de suas apreciações, tanto sobre instituições como sobre pessoas, identificando a constante mudança no interior das primeiras e a multiplicidade de aspectos da personalidade e da vida das segundas.

Os textos dos dois autores, talvez pela junção do rigor historiográfico e da prática jornalística, demonstram uma leveza da escrita que se exercita no contexto de memórias individuais e coletivas – família, amigos, colegas e outros personagens

das lembranças pessoais movem-se em tempos e cenários da memória coletiva. Boris Fausto faz desfilarem na sua narrativa os locais de sua vivência como a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, o Teatro Brasileiro de Comédia, o Cine Marrocos, a USP, o Edifício Martinelli; as suas relações com o Partido Comunista, o Partido Operário Revolucionário, o trotskismo, a URSS, o populismo, a ditadura, a redemocratização.

Nelson Werneck Sodré desenvolve uma narrativa complexa de subtextos que se somam, se multiplicam, dividem-se, em um constante movimento. Na medida em que o leitor acompanha o narrador que conta as andanças do protagonista em uma variada topografia de instituições, locais de sociabilidade, de luta política e cultural como o Exército, o Clube Militar do Rio de Janeiro, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), as rodas literárias como a que havia nos fundos da editora José Olympio, as redações de jornais e revistas. As obras de ambos os autobiógrafos estão inseridas em um processo de subjetivação e constantemente referenciado, em uma autoanálise permeada de crítica e sensibilidade.

Os autores aqui analisados apresentam uma narrativa performática disciplinada pelas virtudes epistêmicas que lhes são caras: uso do método histórico na narrativa, compromisso com a verdade, receio da dimensão ficcional da escrita de si, autoafirmação como historiador. Todavia, essas virtudes epistêmicas que poderíamos chamar de tradicionais são combinadas com virtudes morais e sociais: coragem, sinceridade, honestidade, distanciamento das esferas familiares e subjetivas.²⁰ O comportamento performático advém da impossibilidade de transpor para a narrativa a totalidade e a complexidade da vida vivida. Além disso, as escolhas de narrar a vida pública e deixar a privada em segundo ou terceiro plano forçam os autobiógrafos a fazerem uso de determinadas máscaras que revelam determinadas facetas: o professor, o jornalista, o crítico literário, o historiador; e escondem outras: o pai, o marido, o irmão, o tio, o sobrinho, para citar algumas.

A performance nesses autores seria a arte de se apresentar com uma proposta de narrativa a um determinado público, em grande medida de seus pares, e proporcionar aquilo que de seus autores se esperava: as vivências públicas e profissionais. Afinal, escreviam e esperavam ser lidos por historiadores e demais asseclas que por sua vez, estavam sob um regime de virtudes epistêmicas que valorizavam a condução regrada do texto a partir de referenciais de verdade, do método histórico, do compromisso com os fatos, do receio quanto à ficção.

Em vários exemplos, revela-se as habilidades narrativa dos autores e as suas capacidades de transitarem entre os níveis macro e micro. No caso de Boris Fausto, a forma como descreve alguns professores e funcionários; a “carnavalização” na aula inaugural de Brás de Souza Arruda; a negritude de Antonio Carlos Cesarino em um “ambiente de brancos e de mestiços disfarçados em branco”; o desprezo de alunos e professores pelo mulato Pinto Ferreira, que atuava como professor substituto em diversas disciplinas; as implicações da proximidade de Miguel Reale com a Ação Integralista Brasileira; a ação política e a forma peculiar de se vestir e de se expressar de Waldemar Martins Ferreira, um dos líderes da Revolução de 1932, que sempre usava gravata borboleta, dava especial atenção as alunas e utilizava um linguajar empolado (hábito que Fausto imagina ter influenciado Jânio Quadros quando este foi aluno de tal professor); os trejeitos “afeminados” do bedel Edgard, que de tão caricatos faziam com que “muitos colegas garantissem que ele se divertia à custa da gente, fazendo teatro, pois fora da faculdade já o tinham [ate] visto em companhias femininas”; a boemia inveterada e o interesse pela mpb de Joaquim Canuto Mendes de Almeida.

Os temas, no nível macro e no nível micro, como a Igreja Católica, os cursos jurídicos, a política partidária, o marxismo, a virgindade, a sexualidade, o sentimentalismo, o Corinthians, o cinema, a timidez, entre tantos outros, permitem formar, na referência feita pelo próprio autor aos historiadores franceses, uma coleção de *lieux de mémoires*.

As dimensões social, cultural e temporal entrelaçam-se com as origens familiares (pessoais e do cônjuge) na vivência religiosa (judia e católica), na formação intelectual, nos laços familiares, nos vínculos de amizade, nos trabalhos, nos clientes, no contato com os filhos, no olhar sobre si e sobre os outros, nos hábitos cotidianos, nas práticas culturais etc.

Em se tratando de Nelson Werneck Sodré, o macro e o micro são tangidos de maneira semelhante, ou seja, o narrador desloca a lente da objetiva com um foco aberto, panorâmico sobre o contexto histórico mundial e brasileiro ao acompanhar os deslocamentos do protagonista em suas relações com esses contextos. Aparecem, portanto, as cartas trocadas com críticos literários como Alceu Amoroso Lima, e isso é ocasião para o autor falar sobre as relações entre os críticos literários e as formações de grupos antagônicos que disputavam espaço nos jornais da época; ou então, cartas trocadas com Graciliano Ramos, o que é motivo para se abordar as

perseguições sofridas por intelectuais durante o Estado Novo de Vargas; quando o narrador conta as dificuldades para o autor receber os pagamentos pelas contribuições jornalísticas ou as dificuldades para se publicar, é a chance para se construir um quadro das dificuldades encontradas por aqueles que viviam da atividade de escritor, as mazelas que acompanham o ofício, os baixos rendimentos e o péssimo reconhecimento. Quando fala das rodas literárias, como a que havia nos fundos da livraria José Olympio, é para traçar um mapeamento dos grupos de literatos que tinham em comum o ofício e as dificuldades a ele inerentes e que encontravam no convívio maneiras de superar e construir redes de sociabilidade.

O constante jogo de escalas é direcionado pelo narrador das memórias de Sodré a acontecimentos internacionais. Por ocasião da Segunda Guerra Mundial o autor conta que viajava para a Bahia a bordo de um navio que foi atacado por submarino alemães, mas que os danos não foram suficientes para causar uma tragédia maior do que o pânico generalizado entre os que se encontravam na embarcação. Segundo o memorialista, errara o governo brasileiro ao permitir que civis e militares viajassem em um navio com a Guerra em andamento. Ele havia sido destacado, assim como os demais militares a bordo, para organizar em solo nacional a participação brasileira no conflito mundial. Como se vê, a lente do narrador acompanha o vaivém entre o micro e o macro tendo como ponto de partida ou de chegada a atuação do protagonista nos eventos de sua época.

Em Werneck Sodré, as esferas social, cultural e temporal também se fundem com as origens familiares (classe média que via na carreira militar do filho uma possibilidade de ascensão social), na vida profissional (militar e escritor), nas experiências intelectuais, nos laços de família (pouco comentados), nas relações de amizade (amplamente compartilhadas), nos relacionamentos com editores, donos de jornais. Aparece muito pouco de suas relações familiares e privadas. Quando tal ocorre é tão somente como ponto de partida para se narrar acontecimentos culturais, políticos ou sociais do nível macro.

Boris Fausto quando jovem se encantava com a figura de Trotsky, o “profeta desarmado”, que se tornou símbolo da “pureza revolucionária”. No caso de Fausto, a admiração ia além do fundamento intelectual e se comunicava com uma atitude rebelde, um sentimento de estar à margem, que se explicava pela condição de judeu, apesar das tentativas bem-sucedidas de integração. Todavia, a sensação de

estar à margem foi reforçada pelo falecimento prematuro de sua mãe e a relação difícil que a partir daí se estabeleceu com seu pai.

Penso que esse fato – com o perdão da retorica – me tornou sensível as tristezas da condição humana e as injustiças sociais. Além disso, potencializou uma tendência a marginalidade, como se eu fosse alguém marcado para não ser igual aos outros meninos, e depois aos outros jovens, o que resultou ao mesmo tempo em timidez, em uma socialização difícil, na rebeldia contra um mundo dividido em vencedores e vencidos (Fausto, 2010, p. 84).

Cabe ressaltar que no concernente a questão da docência, Boris Fausto também se percebeu como uma exceção em sua geração:

Olha, eu acho que, na minha geração, eu já fui uma exceção. As carreiras começaram a se profissionalizar, a pós-graduação foi instituída, as pessoas iam ser professores. Essa era a alternativa. Eu me comparo um pouco com os que vieram antes: os historiadores do passado, raros deles eram professores, até porque o sistema de ensino era muito mais restrito (Fausto, 2010, p. 2-3).

Fausto, como dito de anteriormente, construiu uma carreira na Procuradoria do Estado de São Paulo *pari passu* a de historiador. Todavia, ele somente passou a ministrar aulas na universidade após a aposentadoria do cargo de procurador. Sendo assim, sentia-se à margem quando comparava sua carreira com a de outros colegas de seu tempo. Isso porque ao contrário desses últimos que juntamente com a institucionalização da História nas universidades também eram professores, Fausto só tardiamente dedicou-se a docência. Sendo assim, explica-se a sua sensação de pertencer à velha guarda no tocante a não ter desenvolvido, pelo menos na maior parte da carreira, a concomitância entre a pesquisa em história e o trabalho como professor.

Estar à margem foi algo também experimentado por Nelson Werneck Sodré. Mas ao contrário de Boris Fausto que se sentia deslocado, Sodré foi empurrado para escanteio. Explica-se: ele foi militar de carreira que chegou à patente de General e que cultivou uma vida intelectual e uma produção historiográfica sob o arcabouço teórico-metodológico do marxismo. Aliar esse posicionamento intelectual com a combatividade pela soberania nacional em uma constante luta política marcou sua carreira militar, culminando, por exemplo, com sua entrada para a lista de *perona non grata* dos grupos liberais após posicionar-se ao lado dos nacionalistas por ocasião da Campanha “O petróleo é nosso” nos idos da década de

1950. Como punição, ele foi destacado para servir em Cruz Alta, extremo sul do país, distante da vida intelectual e das proximidades com os acervos, bibliotecas, redações de jornais e revistas, locais de pesquisa, interação social e cultural. Isso para citar somente um exemplo desse militar historiador que viveu sempre à margem. Como historiador também experimentou as margens: suas obras, principalmente durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985) foram repudiadas nas universidades que se institucionalizavam.²¹

Portanto, não é de se admirar que dois historiadores com experiências de marginalização ou social ou intelectual (ou até mesmo ambas) tenham se aventurado na escrita de autobiografias, gênero segregado entre os historiadores por sua constituição híbrida. Nelson Werneck Sodré e Boris Fausto, cada qual com suas respectivas trajetórias, coexistiram com as margens e acabaram construindo um universo próprio a fim de lidar com esse ambiente. A escrita de si foi talvez uma forma desses autores unirem os seus pendores de escritores, ambos jornalistas notáveis, com a profissão de historiador. A autobiografia tornou-se então uma espécie de embarcação que permitia o tráfego entre ambas as margens: a da história e a da literatura.

NOTAS

- ¹. No caso de Nelson Werneck Sodré, em razão de economia, faremos uso, principalmente, da obra *Memórias de um escritor* (1970), se necessário, esporadicamente, exploraremos as demais obras autobiográficas do autor.
- ². Analisaremos aqui os constantes entrecruzamentos das virtudes epistêmicas com os comportamentos performáticos desses autores. Pois acreditamos que fazer esse estudo de forma estanque compromete a própria natureza combinatória, superposta e interposta que enxergamos ao nos debruçarmos sobre as narrativas de si desses historiadores. Portanto, a todo momento realizaremos as conexões entre os comportamentos performáticos e as virtudes epistêmicas.
- ³. “O conceito de virtude epistêmica foi introduzido no debate contemporâneo da filosofia por Ernest Sosa, descrevendo a noção aristotélica de virtude intelectual, como uma performance humana, envolvendo habilidades, como percepção acurada, memória confiável e raciocínio válido. Análoga à teoria da virtude em ética, essa abordagem tem se traduzido num conjunto diverso de propostas sobre questões tradicionais da epistemologia, como crença justificada e conhecimento, que compartilham a pretensão comum de normatividade do empreendimento epistemológico não apenas no estabelecimento de normas e regras, mas também de obrigações e valores.” (Hengel, 2011, p. 1).
- ⁴. Klinger (2006, p. 56) aponta que o termo inglês “‘performance’ significa ‘atuação’, ‘desempenho’, ‘rendimento’, mas começou a assumir significados mais específicos nas

artes e nas ciências humanas a partir dos anos 1950 como ideia capaz de superar a dicotomia arte/vida. Do ponto de vista da antropologia, uma performance é ‘toda atividade feita por um indivíduo ou grupo na presença de e para outro indivíduo ou grupo’. Erving Goffman, em *A representação do eu na vida cotidiana* (1956), aborda de forma rica e original a construção social do Eu enquanto processo representacional, como a construção e execução de um papel teatral, ao mesmo tempo em que frisa que “a identidade social é uma construção criada colaborativamente, produzida e reproduzida para apresentação, reconhecimento e ratificação perante um público, com parte do processo de produção realizado nos bastidores, por assim dizer, antes de ser apresentada no palco, na frente de todo mundo. Se a performance virtuosística tem um olhar – e um ouvido – reflexivo para as qualidades intrínsecas do ato do expressar-se, a construção performativa da identidade coloca em primeiro plano a capacidade reflexiva do Eu em se tratar como objeto.” (Bauman, 2014, p. 735).

5. A *narrativa* dos acontecimentos, e, portanto, do(s) indivíduo(s), estabelece uma relação dialética das identidades *idem* e *ipse*: de um lado está o caráter, representado pela *mesmidade* (*idem*), a estabilidade, constância, a imutabilidade; de outro, a *ipseidade* (*ipse*) como liberdade para a continuidade do “si”, ou aquilo que Ricoeur (1991) vai chamar de “(con)fiança” ou “fidelidade a si”, inovação, imprevisibilidade, decisão ética. O ponto central da identidade narrativa é a articulação entre o caráter (*mesmidade*) e a livre manutenção de si (*ipseidade*). A identidade é formada por meio da narrativa de sua própria história, assim é que se constitui a identidade do “eu”. Existe uma articulação entre história, narrativa e o “si-mesmo como um outro”, ou seja, o indivíduo se constitui como pessoa por meio de uma narrativa de sua história.
6. “the essence of this inner self can be translated into the metaphorical equivalence in language, into strings of words and narrative sequences. This theory of autobiography assumes an ontological and integumentary relationship of interiority to bodily surface and bodily surface to text as well as the identity (synonymity) of the I before the text, the I of the narrator, and the I of the narrated subject.” (Smith, 1995, p. 17).
7. O conceito de operação historiográfica pressupõe a relação entre um lugar, que poderia ser um recrutamento, um meio, uma profissão; procedimentos de análise, ou seja, uma disciplina; e a construção de um texto, leia-se uma literatura, um discurso. Sendo assim, a operação histórica estaria baseada em um tripé responsável pela “combinação de um lugar social, de práticas ‘científicas’ e de uma escrita.” (Certeau, 1982). Ohara (2017, p. 23) complementa essa reflexão sobre se disciplinar o trabalho historiográfico ao afirmar que há um “conjunto de regras procedimentais dedicadas a delinear, dar forma, bem como regular e configurar uma determinada modalidade discursiva cujo funcionamento estabelece que apenas um grupo de iniciados pode falar do passado – ou que, ao menos, os ‘estrangeiros’ devam se curvar aos critérios pretensamente universais, atemporais, ou racionais de validação do discurso”.
8. Nelson Werneck Sodré foi oficial do Exército chegando à patente de General, cursou a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (1944-1946) e foi chefe do Curso de História Militar nessa escola (1946-1950). Entre 1955 e 1964 foi membro do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), que ajudou a fundar, mas que com o Golpe Civil-Militar de 1964 foi extinto pelo governo que se instaurou. No ISEB ministrou palestras e aulas; além de ter chefiado o Departamento de História, produziu em coautoria a *Coleção História Nova do Brasil*, lançada com recursos do MEC (Ministério da Educação e Cultura), com o objetivo de oferecer aos estudantes do ensino público outra abordagem da história nacional, menos factual e mais crítica.
9. Francisco José de Oliveira Viana (1883-1951) foi um professor, jurista, historiador, sociólogo e membro da Academia Brasileira de Letras.
10. *Panorama sobre o Segundo Império* é um ensaio histórico produzido por Nelson Werneck Sodré e lançado em 1939 pela Companhia Editora Nacional.

11. João Peregrino Júnior da Rocha Fagundes (1898-1983) foi um jornalista, médico, contista, ensaísta e membro da Academia Brasileira de Letras.
12. Plínio Barreto (1882-1958) foi um advogado, jornalista, crítico literário e político brasileiro.
13. José Brito Broca (1903-1961) foi um crítico literário, jornalista e historiador brasileiro.
14. Antônio José Azevedo do Amaral (1881-1942) foi um escritor, jornalista e tradutor brasileiro.
15. Lívio Barreto Xavier (1900-1988) foi um jornalista e tradutor brasileiro.
16. No tocante à formação acadêmica, Boris Fausto é Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo – USP (1953); Bacharel e Licenciado em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH/USP (1966); Pós-graduado em Metodologia da História pela FFLCH/USP (1968); Doutorado em História FFLCH/USP (1968) e Livre-docente em Ciência Política pela FFLCH/USP (1975).
17. Oliveira (2016) realiza o seu trabalho de investigação sobre a historiografia desenvolvida por Boris Fausto a partir dos referenciais conceituais de operação historiográfica de Michel de Certeau no tocante à ideia de operação historiográfica. A fim de analisar a produção de Fausto no campo histórico, a autora realiza um estudo do curso de História da FFLC/USP, as relações de poder, a composição de seus quadros profissionais, as redes de sociabilidade a ele relacionado com base na operação historiográfica de Certeau e a maneira como Boris Fausto se encaixa e se relaciona nesse local de produção, quais influências sofreu e quais efetuou.
18. Detalhe que chama a atenção é o fato de o livro ter sido lançado justamente após o recrudescimento do Regime Civil-Militar no Brasil e a obra conter críticas indiretas ao governo dos militares a partir das avaliações que o autor realiza sobre a Era Vargas (1930-1945), principalmente quando fala do Estado Novo (1937-1945), período em que as liberdades civis e constitucionais sofreram severas restrições. Sendo assim, ao criticar a política truculenta, a censura, as perseguições dos opositores e os arbítrios cometidos por Getúlio Vargas, Sodré de maneira enviesada constrói sua crítica à Ditadura Civil-Militar que recrudescera a partir da promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5).
19. A obra *Formação da sociedade brasileira* foi lançada em 1944 pela Editora José Olympio.
20. “É dessa maneira que podemos dizer que a formação do historiador não envolve apenas o aprendizado de técnicas de pesquisa; trata-se de cultivar o “olhar do historiador”, exercitar uma série de disposições consideradas indispensáveis ao bom exercício do trabalho histórico. Assim, consolida-se um conceito de persona que articula virtudes epistêmicas e valores extra epistêmicos em configurações específicas, dando-lhes um sentido, hierarquizando valores e objetivos, estabelecendo modelos de conduta a serem seguidos.” (Ohara, 2017, p. 30).
21. Thomé (2001, p. 171) comenta que “Nos fins da década de 60, na USP, Nelson Werneck Sodré era lido pelos discentes mais por transgressão. Líamos seus livros na preparação de seminários, por exemplo, mas omitíamos seu nome ao colocar a bibliografia utilizada, porque os professores não gostariam.”.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BAUMAN, Richard. Fundamentos da performance. *Revista Sociedade e Estado*, v. 29, n. 3, p. 727-743, 2014.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Lisboa: Edições 70, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 181-191.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COHEN, Renato. *A performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FAUSTO, Boris. *Negócios e ócios: história da imigração*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FAUSTO, Boris. *Memórias de um historiador de domingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GAMEIRO, Armindo da Costa. *O espaço autobiográfico em José Craveirinha*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2005.

HENGEL, Doraci. Virtude epistêmica e normatividade. In: SEMANA ACADÊMICA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA PUCRS. 8. 2011. *Anais...* Porto Alegre, 2011, p. 1-15. Disponível em <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/semanade filosofia/VIII/1.37.pdf>.

KLINGER, Diana. *Escritas de si e escritas do outro. Auto-ficção e etnografia na literatura latino-americana contemporânea*. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Letras. Literatura Comparada) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

MIGUEL, Felipe Mendes Sozzi. Virtudes epistêmicas na epistemologia de Alvin Plantinga. *Theoria*, v. 5, n. 14, p. 1-21, 2013.

OHARA, João Rodolfo Munhoz. *Virtudes epistêmicas na historiografia brasileira (1980-990)*. Assis, 2017. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

OLIVEIRA, Fabiane Costa. *Boris Fausto: história e historiografia. O fazer-se de um historiador da república em interlocução com as Ciências Sociais*. Brasília, 2016. Tese (Doutorado em História) — Universidade de Brasília.

PEREIRA, Mateus Henrique; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos; NICODEMO, Thiago Lima. Brazilian historical writing in global perspective: on the emergence of the concept of “historiography”. *History & Theory*, v. 54, n. 4, p. 84-104, 2015.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Tradução de Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991.

SMITH, Sidonie. Performativity, autobiographical practice, resistance. *Auto/Biography Studies*, p. 17-33, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um soldado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um escritor – I: formação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A luta pela cultura*. Rio de Janeiro: B. Brasil, 1990.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Ofensiva reacionária*. Rio de Janeiro: B. Brasil, 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A fúria de Calibã: memórias do golpe de 64*. Rio de Janeiro: B. Brasil, 1994.

THOMÉ, Maria Cristina. Nelson Werneck Sodré e a forma o do profissional de história. In: SILVA, Marcos (org.). *Nelson Werneck Sodré na historiografia brasileira*. Bauru, SP: EDUSC, 2001, p. 171-181.

ZAGZEBSKI, Linda Trinkaus. *Virtues of the mind: an inquiry into the nature of virtue and the ethical foundations of knowledge*. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1996.

Wilton Carlos Lima da Silva   Professor do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Assis, e do Programa de Pós-Gradua o Interunidades em História (câmpus de Assis e câmpus de Franca) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Livre-Docente em Metodologia da Pesquisa Histórica pela UNESP. Pós-Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutor em História pela UNESP. Mestre em Sociologia e Graduado em Ciências Sociais pela UNICAMP. Especializa o em Docência do Ensino Superior pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenador do Grupo de Pesquisa *MEMENTO - Espaço Biográfico e História da Historiografia*.

João Muniz Júnior   Graduado, Mestre e Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

Como citar:

SILVA, Wilton Carlos Lima da; MUNIZ JÚNIOR, João.  nicos e diferentes: autobiografias de dois historiadores brasileiros, Nelson Werneck Sodré e Boris Fausto. *Patrim nio e Memória*, Assis, SP, v. 19, n. 2, p. 146-171, jul./dez. 2023. Disponível em: pem.assis.unesp.br.